



## DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

**Beatriz Andrade dos Santos**

PPGE/UERN/CAPF – Pau dos Ferros/RN – [beatrizandradesantos2@gmail.com](mailto:beatrizandradesantos2@gmail.com)

Maria Jocelma Duarte de Lima

PPGE/UERN/CAPF

### Resumo

O processo de diagnóstico e intervenção psicopedagógica da criança autista tem sido campo de inúmeros estudos e atuação, a cada dia, cresce o número de procura por atendimento psicopedagógico destinado as crianças com diagnóstico em autismo, porém, pouco se conhece sobre técnicas e estratégias específicas para a atuação direcionada do psicopedagogo ao paciente com autismo. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é discutir os instrumentos psicopedagógicos utilizados para o diagnóstico e intervenção no autismo. Para fundamentação da pesquisa, realizou-se um estudo de referenciais teóricos de renome no campo da Psicopedagogia, que colaboraram com enriquecimento das discussões propostas na presente pesquisa. Dessa forma, o respectivo trabalho classifica-se como uma pesquisa bibliográfica. Nessa ótica, neste trabalho é desenvolvido tópicos de relevância para o alcance do objetivo traçado, discorre-se sobre o que é o autismo a fim de compreender as características das crianças autistas, o processo de diagnóstico e intervenção para que possamos explorar como se dá o trabalho do psicopedagogo com pacientes diagnosticados com autismo. Com base nas discussões realizadas, concluiu-se que o psicopedagogo clínico no atendimento da criança autista não dispõe atualmente de estratégias específicas no campo da psicopedagogia direcionadas ao diagnóstico e tratamento da criança autista, necessitando utilizar-se de técnicas de outros campos de estudos como a psicologia para adaptação dos seus atendimentos, além de, construir suas próprias estratégias analisando o perfil do paciente, a fim de colaborar para o avanço do desenvolvimento nos aspectos cognitivo, emocional e social.

**Palavras-chave:** Psicopedagogia. Psicopedagógico. Autismo. Diagnóstico. Intervenção.

### Introdução

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento que caracteriza o comportamento atípico do indivíduo que é diagnosticado. A criança, o jovem ou o adulto que são diagnosticados com autismo, apresentam déficits na socialização, comunicação e interação. O transtorno do



espectro autista (TEA) pode ser classificado em três graus, sendo eles: leve, moderado e severo. Quanto antes o autismo for diagnosticado, maiores as possibilidades de avanço da criança. A psicopedagogia clínica possibilita o acesso ao diagnóstico e a intervenção da criança com autismo, colaborando para a melhoria de sua qualidade de vida.

Atualmente, nota-se que muito tem se discutido sobre o TEA e os casos de diagnóstico tem crescido consideravelmente, porém, pouco se discute sobre como realizar o diagnóstico do transtorno e as possibilidades de intervenção para a melhoria da qualidade de vida da pessoa autista. A psicopedagogia clínica possibilita, com o auxílio de outras áreas do conhecimento afins (psicologia, fonoaudiólogo, etc.) o acesso a um diagnóstico confiável e a elaboração de intervenções com foco na especificidade da pessoa atendida. Nesta perspectiva, o acompanhamento psicopedagógico do autista possibilita o alcance de avanços em seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo.

O presente trabalho tem o intuito de discutir sobre o diagnóstico e a intervenção psicopedagógica clínica da criança com autismo, a fim de conhecer os instrumentos utilizados para o diagnóstico em TEA e as possibilidades de intervenções a serem utilizadas nos atendimentos psicopedagógicos. Nessa ótica, a problemática que conduz a discussão do presente trabalho é: Quais os instrumentos psicopedagógicos clínicos disponíveis para o diagnóstico em autismo? Quais as possibilidades de intervenção no TEA?

Nota-se que existem poucos instrumentos disponíveis para o diagnóstico em autismo, o que dificulta o trabalho psicopedagógico com a criança autista, porém com estudos e aperfeiçoamento dos instrumentos disponíveis o diagnóstico em autismo poderá ser concedido com mais precisão. Ao que se refere as intervenções é necessário a elaboração de propostas de acordo com as singularidades de cada paciente.

O presente trabalho tem por objetivo discutir os instrumentos psicopedagógicos utilizados para o diagnóstico em autismo e as possibilidades de intervenção. O acompanhamento do psicopedagógico clínico é fundamental para o desenvolvimento das áreas de déficits da criança com TEA, pois ao ser realizado o diagnóstico da criança é possível saber as suas especificidades, e assim, o profissional irá saber onde e como intervir para o progresso da criança que está sendo acompanhada.



Quanto aos procedimentos metodológicos, a presente pesquisa caracteriza-se pesquisa bibliográfica, à medida em que se construiu uma pesquisa de referenciais teóricos de relevância para o campo de discussão, elaborando-se um diálogo entre os referenciais e a argumentação do autor do referido trabalho. Alguns dos teóricos elencados conforme a relevância de suas discussões para o trabalho são Porto (2009), Chamat (2008), Cunha (2012), Sampaio (2009), dentre outros autores.

Ao abordar a presente temática tem-se a pretensão de colaborar com os profissionais da psicopedagogia na realização de seus atendimentos clínicos aos pacientes diagnosticados com autismo, ao propor a ampliação dos estudos no que se refere ao diagnóstico e intervenção da criança com transtorno do espectro autista para o aperfeiçoamento do atendimento a estes pacientes.

No campo científico, pretende-se acrescentar no campo de trabalhos desenvolvidos na área, colaborando com novos conhecimentos que venham a acrescentar para a área de pesquisa e aguçar outros profissionais e estudantes ao pesquisarem temáticas que envolvam o autismo, pois esse transtorno necessita ser conhecido e explorado para que possamos ajudar as pessoas que são diagnosticadas com o mesmo, a conquistarem seu espaço na sociedade.

### **Autismo: do diagnóstico a intervenção**

Muito se comenta sobre o autismo, mas muitos comentários são embasados no senso comum, em que as pessoas classificam o autista como um sujeito desligado do mundo, que vive em um mundo paralelo e que não sabe se comunicar. Atualmente, com os avanços dos estudos sobre o transtorno do espectro autista (TEA), sabemos que as características que são empregadas aos autistas não são verdadeiramente as corretas, assim, para compreendermos o autismo é necessário estudarmos e analisarmos as particularidades de cada autista, mas sempre tendo em mente que a pessoa com TEA é um ser humano igual a todos nós, que vive no nosso mesmo mundo, só tem uma maneira diferente de vê-lo.

O acompanhamento psicopedagógico clínico contribui para o desenvolvimento das habilidades e competências prejudicadas no autismo. Para compreendermos como ocorre o diagnóstico e a intervenção do psicopedagogo no transtorno do espectro autista



necessitamos realizar uma breve discussão definindo e caracterizando o transtorno para posteriormente prosseguirmos a discussão central do referido artigo.

O desenvolvimento do trabalho, contará com os seguintes subtópicos: O que é o autismo? O diagnóstico psicopedagógico clínico e as possibilidades de intervenção psicopedagógica no autismo, por fim, as conclusões.

### **O que é o autismo?**

O transtorno do espectro autista é classificado no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em sua 5ª Edição (DSM-5) como um transtorno do neurodesenvolvimento. O DSM contém descrições e sintomas de transtornos e desordens mentais, que colaboram para o diagnóstico médico seguro e confiável. De acordo com DSM-5 (2014, p.97) o TEA tem como características:

As características essenciais do transtorno do espectro autista são prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social (Critério A) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B). Esses sintomas estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário (Critérios C e D). O estágio em que o prejuízo funcional fica evidente irá variar de acordo com características do indivíduo e seu ambiente. Características diagnósticas nucleares estão evidentes no período do desenvolvimento, mas intervenções, compensações e apoio atual podem mascarar as dificuldades, pelo menos em alguns contextos. Manifestações do transtorno também variam muito dependendo da gravidade da condição autista, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica; daí o uso do termo espectro. [...]

O autismo é um transtorno que engloba diferentes síndromes e perturbações do desenvolvimento neurológico, por isso é um transtorno classificado como transtorno do neurodesenvolvimento. Existem três características principais que se manifestam para o diagnóstico do transtorno autístico, essas características podem se manifestar de forma conjunta ou isolada, sendo elas: dificuldades de comunicação, dificuldade de interação/socialização e atividades restritos-repetitivas.

O autismo, quanto mais cedo for diagnosticado, maior serão as possibilidades de avanço nas maiores áreas de dificuldade da criança, mas geralmente, o autismo torna-se



aparente entre os três anos de idade, mas pode se manifestar antes a essa idade ou posteriormente, durante a vida adulta. A maior parte das pessoas diagnosticadas com autismo são do sexo masculino. Para identificarmos traços do autismo em uma pessoa devemos analisar “[...] o uso insatisfatório de sinais sociais, emocionais e de comunicação, além da falta de reciprocidade afetiva. [...]” (CUNHA, 2012, p.24). Nesse sentido, o autismo não é demonstrado fisicamente, por isso seus sinais são mais difíceis de serem observados, manifesta-se diferentemente em cada indivíduo, devido ser classificado em diferentes graus sendo eles: leve, moderado e severo, e ser, geralmente, acompanhado de outros transtornos.

As causas do autismo ainda são desconhecidas, mas estudos atuais dizem que há a possibilidade de o autismo ser causado por alterações biológicas, hereditárias ou não. Diferente do que se pensava no início dos estudos sobre o transtorno, se tinha a concepção de que o autismo era causado pela “mãe geladeira”, que seria a aquela que não transmitia afetividade ao seu filho, por isso, a criança teria dificuldades de interação, comunicação e demonstração de afeto. Acredita-se que a causa não seja essa, devido aos novos conhecimentos construídos sobre o TEA, como a realidade afetiva positiva em que muitos autistas vivem.

Recentemente tem-se aumentado consideravelmente os casos de diagnóstico de crianças autistas, isso não se dá, devido ao nascimento de crianças com o transtorno autístico, mas ao diagnóstico correto de crianças que anteriormente eram diagnosticadas com outra síndrome, pois ainda não se tinha propriedade de conhecimentos sobre o transtorno e pela maior aceitação da família em revelar o autismo de seus filhos a sociedade. Para que a criança seja diagnosticada é fundamental que sejam observados seus comportamentos cotidianamente, principalmente em locais que possibilitam a socialização, por isso “A atuação dos profissionais da escola é fundamental, uma vez que muitos casos de comportamento autístico foram percebidos primeiramente no ambiente escolar. [...]” (CUNHA, 2012, p.29), isso ocorre devido, as primeiras interações da criança acontecerem no ambiente escolar.

O diagnóstico é o primeiro fator necessário para que possam ser iniciadas as intervenções na criança com TEA. Conforme afirma Karniol (2016):



O diagnóstico psiquiátrico não deve ser considerado obrigatoriamente como algo definitivo e condenatório, pois poderá ocorrer uma amenização da sintomatologia, ou mesmo seu desaparecimento. Isto só será percebido se o acompanhamento do paciente for cuidadoso e frequente, e admitir flexibilizações nas avaliações e condutas. (KARNIOL, 2016, p. 98)

Se a criança diagnosticada com autismo for acompanhada por um grupo de profissionais qualificados, como terapeuta ocupacional (TO), fonoaudiólogo, psiquiatra, psicopedagogo, entre outros profissionais determinados de acordo com as individualidades de cada uma criança com TEA poderá desenvolver-se e diminuir ou encerrar os prejuízos causados pelos sintomas do transtorno.

### **O diagnóstico psicopedagógico clínico**

O diagnóstico psicopedagógico clínico não é concedido em uma única sessão psicopedagógica, mas requer um longo processo de atendimento para análise do paciente, pois não é possível diagnosticar quaisquer déficits na aprendizagem sem avaliar tudo e todos que convivem com o paciente e participam do seu desenvolvimento social, intelectual e emocional.

Dessa forma, o objetivo do diagnóstico psicopedagógico é “[...] identificar as causas dos bloqueios que se apresentam nos sujeitos com dificuldades de aprendizagem. [...]” (SAMPAIO, 2009, p. 17), para isso, se faz necessário que o psicopedagogo tenha acesso aos ambientes e as pessoas que participam do processo de ensino e aprendizagem da criança para compreender o que está ocasionando a sua dificuldade de aprendizagem.

É válido ressaltar que atualmente existem poucos estudos direcionados especificamente para o diagnóstico psicopedagógico da criança com transtorno do espectro autista, cabendo aos profissionais que se dedicam ao acompanhamento desses pacientes adotarem os conhecimentos da psicopedagogia ao atendimento. Geralmente, os psicopedagogos recorrem aos testes elaborados pela psicologia para o diagnóstico do autismo ou utilizam-se da adaptação dos testes psicopedagógicos, que possibilitam avaliar o rendimento da criança com a possibilidade de diagnóstico em TEA durante a utilização das habilidades prejudicadas no transtorno. Dessa forma, o psicopedagogo que direciona os seus atendimentos a criança constrói suas estratégias de atendimento, mas sem deixar de desenvolver um trabalho psicopedagógico adequadamente.



Ao construir um diagnóstico o psicopedagogo deverá acompanhar o paciente em diferentes situações e espaços, pois como afirma Sampaio (2009, p.17):

Realizar um diagnóstico é como montar um grande quebra-cabeças, pois, à medida que se encaixam as peças, vai se descobrindo o que está por trás destes sintomas. As peças serão oferecidas pela família, pela escola e pelo próprio sujeito, entretanto a maneira de montá-las só depende do psicopedagogo e, para que este tenha um bom resultado, precisa levar em conta os aspectos objetivos e subjetivos observados nos diversos âmbitos: cognitivo, familiar, pedagógico e social (SAMPAIO, 2009, p. 17)

O momento destinado ao diagnóstico é crucial para a obtenção do sucesso no acompanhamento do paciente, pois por meio da investigação das particularidades da aprendizagem da criança o profissional terá a possibilidade de durante o processo diagnóstico levantar hipóteses, refutá-las, chegando a uma conclusão que lhe permitirá elaborar um plano de intervenção.

Mas, para conquistar os dados necessários para o levantamento de hipóteses sobre o diagnóstico final do paciente o psicopedagogo necessita coletar dados para sua análise, para isso se faz necessário o contato com os ambientes e pessoas que convivem com o sujeito em processo de diagnóstico. Assim, o profissional faz sessões com os familiares, vai até a escola, recebe relatórios dos professores, conversa com o paciente, utiliza-se de técnicas de diagnóstico que colaboram para a sua investigação.

Todo esse processo diagnóstico é realizado em sessões psicopedagógicas que geralmente têm a duração de 50 minutos e são realizadas conforme a disponibilidade e desejo da família do paciente.

### **A intervenção psicopedagógica**

A intervenção psicopedagógica não se assemelha a realizada pelo educador em sala de aula ou em aulas particulares, pois, na maioria das vezes, o ensinar, interessasse na construção de saberes, enquanto o objetivo do psicopedagogo está voltado aos processos afetivos e cognitivos trilhados por cada sujeito para que ele possa apropriar o conhecimento.

Nesse sentido, podemos definir a intervenção psicopedagógica como “[...] investigação e a intervenção para que se compreenda o significado, a causa e a modalidade de aprendizagem



do sujeito, com o intuito de sanar as dificuldades. [...]” (PORTO, 2009, p.91), ou seja, tanto o processo de diagnóstico e intervenção realizada pelo psicopedagogo tem por intuito colaborar para a melhoria dos campos de dificuldades de aprendizagem do paciente.

As intervenções médicas e educacionais são fundamentais para a superação ou desenvolvimento das áreas de dificuldade da criança com autismo, por isso o acompanhamento de uma equipe de profissionais das mais variadas áreas é fundamental para a melhoria da qualidade de vida.

Uma das intervenções educacionais mais propagadas para o tratamento da criança autista atualmente é a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), que tem por objetivo ensinar às crianças inúmeras formas adequadas de comportamento. De acordo com Whitman (2015):

A modificação comportamental, baseada em princípios de aprendizagem bem estabelecidos, emprega procedimentos como reforço positivo e negativo, extinção, controle de estímulos, lembretes, modelagem e encadeamento, para aumentar o comportamento apropriado e diminuir comportamentos inapropriados. (WHITMAN, 2015, p. 173)

Por meio da análise comportamental, pretende-se ampliar o repertório comportamental da criança autista e diminuir a frequência ou intensidade dos comportamentos indesejados, utilizando-se de diferentes estratégias. Dessa maneira, é possível alcançar o desenvolvimento de inúmeras habilidades, que contribuirão para a conquista da autonomia e qualidade de vida da pessoa com TEA.

Contudo, antes de iniciarmos qualquer processo de intervenção faz-se necessário realizar um momento de conversação com os pais do paciente, sendo assim “Após o diagnóstico claro e preciso, a primeira medida psicopedagógica é delinear a entrevista devolutiva aos pais. [...]” (CLAMAT, 2008, p.40), para que assim, possam ser esclarecidas as causas reais do tratamento e eliminar expectativas de “curas” ou “soluções milagrosas”, tendo em vista que, a intervenção possibilitará a melhor qualidade de vida ao paciente, não a anulação da sintomologia.

É necessário que tudo seja esclarecido para os responsáveis durante todo o processo, para que todos, familiares e profissionais possam ajudar a criança em seu desenvolvimento.



No campo da intervenção psicopedagógica, independentemente, da deficiência a ser tratada, segundo Chamat (2008) faz-se necessário construir o processo de intervenção embasado em quatro dimensões, sendo elas: enquadramento, planejamento das atividades a serem desenvolvidas, desenvolvimento das sessões e avaliação.

O enquadramento “[...] se inicia na entrevista devolutiva e estende-se por todo o tratamento, podendo ocorrer por várias vezes, conforme a necessidade. [...]” (CHAMAT, 2008, p.41), nesse momento, é essencial que o entrevistado saiba o porquê está ali, após responder a esse primeiro questionamento é necessário ser investigador e procurar compreender todos os aspectos das “queixas” presentes durante todo o processo de diagnóstico, pois dessa forma, será possível montar um planejamento adequado às necessidades do paciente.

As sessões de intervenção devem ser organizadas conforme a necessidade do paciente. A quantidade e frequência de sessões devem ser decididas em conformidade com a concessão dos responsáveis pelo paciente. Como afirma Chamat (2008, p. 46) “Dependendo do caso o número de sessões de intervenção varia de 1 a 3 vezes por semana. Os horários deverão ser combinados previamente [...]”, ou seja, planejamento prévio é fundamental para a realização das sessões.

Após a realização de todos os combinados para a realização das sessões é o momento destinado a organização, seleção e elaboração das atividades que serão realizadas para o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo atendido. Conforme afirma Chamat (2008):

Para a realização da intervenção, as atividades devem ser cuidadosamente planejadas, devendo-se prioritariamente, enfatizar a avaliação prévia e enfoque no objeto a ser modificado. Focalizar o objetivo principal (da queixa) e quando possível, direcionar para os secundários. (CHAMAT, 2008, p.46)

Nessa perspectiva, devemos levar em consideração na elaboração do planejamento de atividades e ações que envolvam o desenvolvimento do pedagógico e cognitivo, ou seja, o psicopedagogo deve direcionar suas ações para as interpretações operatórias, não psicológicas, pois essa não é a sua função. Para cumprir adequadamente a realização das



atividades psicopedagógicas pode-se utilizar de estratégias e recursos direcionados para o concreto, como jogos, contação de histórias, ferramentas tecnológicas, dentre outras tarefas que podem ser desenvolvidas levando em conta a especificação das necessidades do paciente.

As sessões psicopedagógicas devem ter duração até de 50 minutos e serem organizadas em dois momentos, no primeiro o trabalho com o conteúdo formal escolar e no segundo com jogos que possibilitem o trabalho com as estruturas mentais/cognição. É importante frisar como ressalta Chamat (2008, p.48) “ [...] em toda sessão não deve se preocupar só com seu desenvolvimento, mas principalmente com a coleta de novos dados e com situações novas relacionadas pela criança, que aparecem no diagnóstico. ”, ou seja, a observação e questionamento constante da criança na realização das atividades propostas são importantes para constatar ou refutar hipóteses e para qualificar o trabalho psicopedagógico.

No que se refere ao atendimento psicopedagógico da criança autista, as atividades a serem realizadas devem se voltar para o desenvolvimento de momentos que trabalhem os estereótipos, comunicação e socialização, que são as áreas comuns de déficit, além de desenvolver tarefas que colaborem para a melhoria de comorbidades específicas de cada paciente. Nessa ótica, o atendimento psicopedagógico para crianças autistas segue o mesmo direcionamento que os demais transtornos e deficiências, mas direcionando as especificidades sintomáticas do autismo.

A avaliação deve ser periódica e realizada durante todo o processo do atendimento psicopedagógico, para testar e replanejar o trabalho desenvolvido, analisando se há progressos e se o paciente está evoluindo levando em consideração o objetivo do acompanhamento psicopedagógico, a qualificação do processo de aprendizagem.

Diante do exposto, notamos que o trabalho psicopedagógico é longo e requer tempo e dedicação para que o objetivo elencado para o desenvolvimento do sujeito seja cumprido. Ao que se refere a criança autista é fundamental dedicação por parte dos responsáveis e do paciente cumprindo o cronograma de sessões, além do apoio e confiança dos familiares do trabalho do psicopedagogo para que a criança com autismo possa alcançar



qualidade de vida, pois necessita de acompanhamento constante para o desenvolvimento de suas potencialidades.

Faz-se necessário ressaltarmos conforme afirma Moraes (1986) que no trabalho psicopedagógico, mesmo que os sintomas do paciente deixem de existir, deve-se realizar uma nova avaliação diagnóstica, com o intuito de dar continuidade ao objetivo da intervenção psicopedagógica, a evolução do quadro sintomático. Sendo assim, o acompanhamento psicopedagógico, na maioria das vezes, se prolonga por um período considerável, pois o distanciamento do atendimento e também do acompanhamento sem que o paciente esteja realmente preparado para conseguir continuar regrid o quadro do sujeito, deixando para traz os avanços conquistados.

### **Considerações Finais**

Mediante as discussões aqui realizadas nota-se a importância da realização de estudos para melhor compreensão do transtorno do espectro autista, com o intuito de elaborar estratégias e ferramentas que colaborem para o diagnóstico e intervenção no atendimento psicopedagógico clínico. Atualmente, é comum a utilização/adaptação da análise comportamental no atendimento psicopedagógico com crianças autistas, mas como vimos na presente não existem documentos psicopedagógicos direcionados especificamente para o diagnóstico da criança com autismo e nem estratégias específicas para a intervenção. Dessa maneira, cabe ao psicopedagogo pesquisar e construir suas próprias estratégias para adaptar as técnicas utilizadas às necessidades específicas de cada criança autista, com o intuito de colaborar para o avanço em seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional.

O autismo ainda é um mistério em muitos quesitos para as ciências sociais, compreender as especificidades que estão presentes em cada caso é desafiante para o processo de diagnóstico. Por isso, durante os atendimentos psicopedagógicos é essencial que o psicopedagogo esteja atento a cada detalhe observado e analisado, além de contar com a colaboração de uma equipe multidisciplinar, como fonoaudiólogo, psicológico, terapeuta ocupacional, para que juntos possam fazer o melhor para o paciente, além disso, o apoio e colaboração familiar são essências para o sucesso do processo de intervenção psicopedagógica.



Nessa ótica, faz-se necessário que os profissionais e estudiosos do campo da psicopedagogia organizem estudos direcionados à construção de suportes mais precisos para o diagnóstico e intervenção psicopedagógica, em autismo, o que colaborará, conseqüentemente, para a qualificação e avanço dos atendimentos psicopedagógicos e para a melhoria do quadro sintomático da criança autista e a conquista da melhoria da sua qualidade de vida, conquistando assim, mais autonomia para o convívio em sociedade.

## REFERÊNCIAS

CHAMAT, Leila Sara José. Delineamento da intervenção. **Técnicas de intervenção psicopedagógica: para dificuldades e problemas de aprendizagem**. 1.ed. – São Paulo: Vetor, 2008.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 3.ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2012.

KARNIOL, Isac Germano. **Autismo além do diagnóstico**. Karniol, Isac Germano.; Karniol, Patrícia S, Lopes. (Orgs.). 1. ed. São Paulo: Zagodoni, 2016.

**Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. [Recurso eletrônico]: DSM-5 / [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli et al. 5. ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PORTO, Olívia. **Bases da Psicopedagogia: diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem**. 4. Ed. – Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

SAMPAIO, Simaia. **Manual prático do diagnóstico psicopedagógico clínico**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

WHITMAN, Thomas L. **O desenvolvimento do autismo**. São Paulo: M.Books, 2015.